



“Ainda há tempo”: Uma entrevista com Criolo

“Ainda há tempo”: Interview with Criolo

“Ainda há tempo”: Una entrevista con Criolo

Lucas Toledo de Andrade¹
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Universidade Pitágoras Unopar (UNOPAR)

RESUMO

A entrevista com Criolo busca tratar, em alguma medida, de aspectos da vida e da obra do artista, relacionando-se, por isso, à própria realidade afro-brasileira. Ao longo das questões, Criolo fala sobre vida, *rap*, processo de criação, vivências e obra, mostrando um olhar crítico para os dilemas nacionais e afirmando a sua crença no poder transformador existente na arte e na juventude.

Palavras-chave: Criolo; *Rap*; Cultura afro-brasileira.

ABSTRACT

The interview with Criolo to treat some aspects of artist's life and work, relating, therefore, to Afro-Brazilian reality. Throughout the questions, Criolo speaks about life, rap, creation process, experiences and work, showing a critical look at national dilemmas and asserting his belief in the transformative power existing in art and youth.

Keywords: Criolo; Rap; Afro-Brazilian culture.

RESUMEN

La entrevista con Criolo busca tratar, en alguna medida, de aspectos de la vida y de la obra del artista relacionándose, por eso, a la propia realidad afrobrasileña. A lo largo de las cuestiones, Criolo habla sobre vida, rap, proceso de creación, vivencias y obra, mostrando una visión crítica para los dilemas nacionales y afirmando su creencia en el poder transformador existente en el arte y en la juventud.

Palabras clave: Criolo; Rap; Cultura afrobrasileña.

Apresentação

Kleber Cavalcante Gomes, conhecido artisticamente sob o pseudônimo de Criolo, é um importante nome da cena cultural brasileira contemporânea. Em sua produção, há a

¹ Graduado em Letras Português-Inglês (UENP/CCP), Especialista em Literatura Brasileira (UEL), Mestre e Doutor em Letras, na área de concentração de Estudos Literários (UEL). Atualmente, atua como professor do curso de Letras em universidades, a saber, Pitágoras Unopar, Anhanguera Uniderp, e como professor de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. <https://orcid.org/0000-0002-2454-3056> E-mail: ltoledodeandrade@gmail.com.

evocação das raízes afro-brasileiras e uma constante discussão sobre as diversas problemáticas que assolam o país e atingem, sobretudo, a população negra que mora na periferia dos grandes centros.

Além disso, Criolo tem tratado em suas canções, performances em shows, videoclipes - alguns podem ser considerados filmes de curta-metragem - e entrevistas, de questões como a homofobia, o machismo etc., mostrando-se como um artista capaz de recriar artisticamente discussões que borbulham nos tempos presentes, mas que são antigas e formadoras das estruturas psicológicas, físicas e simbólicas do Brasil.

A entrevista a seguir busca tratar, em alguma medida, de aspectos da vida e da obra de Criolo, relacionando-se, por isso, à própria realidade do negro brasileiro. Essa entrevista foi realizada em dois momentos diferentes: as 4 primeiras questões fazem parte do material da tese “Os (des)caminhos da Exu-poética: nas encruzilhadas afrossurrealistas da produção de Criolo” (2020)², de autoria do autor da entrevista; já as demais questões foram feitas posteriormente, com o intuito de ampliação da primeira entrevista.

A primeira entrevista ocorreu presencialmente, em maio de 2019, na cidade de Curitiba; já a segunda é resultado da troca de e-mails entre o autor da entrevista e a equipe de Criolo, entre junho e agosto de 2020. As respostas da segunda entrevista foram enviadas por meio de um áudio artista.

Lucas Toledo: Como é o seu processo de composição/criação? É perceptível que você realiza muitas parcerias em seus álbuns. Como isso acontece?

Criolo: É muito solitário. Depois que eu tenho alguma coisa de texto, de música, de melodia, algo que eu acho que vale a pena incomodar esses mestres (Daniel Ganjaman, Kiko Dinucci, Marcelo Cabral) eu apresento para eles. Não tem uma regra assim, vem desde... Mas sempre vem de um lugar, daquilo que me emociona, uma música que me emociona e abre esse espaço de início de criação. Sempre tem que ter algo que me emocione, senão não acontece; e pode

² BIBLIOTECA DIGITAL. Universidade Estadual de Londrina. 2021. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000231488>. Acesso em 20.05.2021.



acontecer de um conjunto de ideias me visitar e nisso eu já cantarolar alguma coisa e isso ficar uma coisa gigante de cara, assim, de primeiro momento, como pode também ser algo que depois eu vou visitar, revisitar, se assim o coração pedir. Então, não tem uma regra, assim, por exemplo, “hoje eu vou tirar tantas horas do dia porque eu vou compor”. Pode acontecer disso “olha, hoje, essa semana, eu sinto que preciso desse meu momento e vamos ver o que vai acontecer”, mas é muito raro isso. Sempre muito é ligado a alguma coisa que me emociona. Muito intuitivo, mas esse intuitivo, por muitas vezes, é acionado por alguma coisa que me emocionou, seja uma conversa, seja um abraço, seja uma lembrança, uma recordação de alguma coisa ou alguma coisa que eu escutei musical que me emocionou e faz com que eu comece balbuciar já a letra e a melodia.

Lucas Toledo: Qual a influência dos ritos afro-brasileiros em sua criação?

Criolo: Olha, eu venho de uma linhagem onde meu bisavô, antes do meu bisavô, ele foi escravo, meu outro bisavô pegou um tanto disso, o meu avô foi estivador do cais do porto em Fortaleza, e o meu pai metalúrgico. Então, venho de uma ala, de uma família que nasce dessa diáspora. Então, a África se faz presente no nosso DNA, no nosso sangue, e não só nessa construção genética. Eu acredito que exista um DNA da alma, exista outras coisas que compõem a nossa consciência, né? Não consigo imaginar que nossa consciência vem apenas de uma unidade de carbono. Eu acredito que existam outras energias que fazem essa mágica sublime da construção, de que como esse cada ser humano único, que não é só dessa matemática genética que a gente pode fazer uma conta, fazer uma planilha e apresentar isso, mas muito das vivências e das histórias que a sua consciência carrega desde que o mundo é mundo. Eu não sei qual foi o ponto inicial disso... Então, isso está muito presente em mim por essa ala magnífica e por eu ter uma mãe, uma mulher de muita fé. A minha mãe é uma mulher de muita fé, que respeita todas as religiões, tem carinho e afeto às pessoas de vários credos e ela nos ensinou que nós devemos nos conectar, se possível, com o coração das pessoas e essa fé que se manifesta de várias formas, pois cada um tem a sua cultura, cada um tem a sua vivência e o seu DNA de alma e a sua vivência nesse plano agora, nesse agora, nessa passagem desse agora, que também muito reflete algumas escolhas, alguns modos, alguns

jeitos, que quando a gente vai ver, a gente fala que é aquele natural nosso, aquele sentimento mais íntimo e mais fluido. Então, ela (mãe) foi benzedeira por mais de dez anos, do bairro, e eu pude vivenciar muitas coisas, ver muita coisa, aprender muita coisa. Eu acredito que a gente é esse todo, nós somos esse bocado de tanto, esse bocado de tanto.

Lucas Toledo: De que maneira as vivências de infância (Grajaú, Dona Vilani, Seu Cleon Gomes) aparecem em sua criação?

Criolo: Tem isso (referência à resposta anterior) e tem os seus primeiros anos de vida, né? Como que é isso? Quando, você enquanto bebê, ou quando você abre os olhos, o que você vê? Que cheiro tem a casa? Que cheiro tem as pessoas? Que cheiro tem as coisas? Qual é o cheiro do amor? Qual o cheiro do medo? Então, isso tudo nos visita nos lugares mais frágeis da sociedade também, porque vem de um modo muito mais abrupto, sem o preparo. Todo ser humano, eu entendo que seja merecedor de não passar por algumas coisas, que a maioria das nossas crianças, nos lugares mais frágeis de nossa sociedade passam. Aí é onde eu fiz esse pensamento agora: “o cheiro do amor e o cheiro do medo, né?”. Então, tudo isso fica marcado na tua vida, nessa passagem, nesse agora, e eu acredito que você carrega isso no DNA da sua alma e aí como cada um reage a vida que se vive e a vida que se dá com tudo isso que visita. Então, eu acredito que essas marcas ficam e de alguma forma elas também florescem de modos diferentes na vida de cada pessoa, no modo como você vai tratar os seus, no modo como você enxerga o mundo, de que olho visita qual lado de tal situação, existem muitas faces e muitos olhares, de uma verdade que ainda está por se construir.

Lucas Toledo: No Programa *Espelho*, do Lázaro Ramos (com Andréia Aorta e Juliana Vicente), no “Canal Brasil”, você lançou a seguinte pergunta retórica para Lázaro: “será que sensibilizar não seria um dos maiores atos políticos desse tempo?”. Quais são as formas que você emprega para sensibilizar o público com as suas composições?



Criolo: É uma coisa que a gente não percebe, não tem um botão automático: “agora eu vou fazer tal coisa, eu vou dizer tal coisa, às vezes a gente nem sabe.” A gente é tomado por uma emoção, por um desejo, e esse desejo carrega uma intenção, por mais que irracional daquele dia, mas quando você tem uma intenção de uma construção de algo positivo ou não positivo, quando você tem a intenção de provocar encontro, de provocar um caminho para o entendimento da importância da sensibilização, então isso vai acontecendo de modo natural, de modo muito... Porque é da pessoa, é da pessoa e às vezes ela percebe, às vezes ela não percebe, às vezes ela sente que ali naquele momento é importante falar tal frase, que diga tal coisa, mas não sabe qual frase que é, mas sabe a importância de dividir um sentimento e, por vezes, numa conversa, num encontro saem essas outras frases que a gente não percebe, mas que a gente *tá* ali também, de alguma forma, ajudando a construir essa ideia de sensibilização.

Lucas Toledo: Dona Vilani, sua mãe, em uma entrevista ao blog Mulherias, disse que o Centro de Arte e Promoção Social (CAPS) surgiu na cozinha de casa, com o objetivo de trazer arte para o lar, para que, assim, seus filhos não crescessem embrutecidos. Quais lembranças você guarda desse período? Esse período é importante em sua formação de artista?

Criolo: Eu sempre tenho lembranças que acionam emoções muito diferentes desse período. Tenho lembranças muito doces, de ver pessoas se reunindo para fazer coisas boas. Você vê o olhar das pessoas, né? O olhar é diferente quando as pessoas se reúnem para fazer algo bom: é uma mistura de esperança, é uma mistura de resistência, e tudo isso que, de alguma forma, fortalece os pilares secretos que sustentam os sonhos. Então, a minha mãe realmente é uma pessoa que tem um jeito muito especial de conseguir fazer com que pessoas se reúnam e conseguir fazer com que cada uma enxergue o seu brilho único e que é importante que essa pessoa lute, que ela vá atrás dos seus objetivos. A arte é um jeito de acalanto e um jeito que oferece uma disciplina muito grande para você entender o tamanho das coisas e entender o tamanho do teu sonho e, mais ainda, entender o trabalho que isso vai dar, que não é para você ter medo, que você é capaz! Então, eu tenho essa recordação: de tanto ver um olhar sonhador, um olhar esperançoso, também os olhares de frustração, os olhares de indignação, os olhares

de medo e os olhares de cansaço, né? Quando tudo dá errado, e sempre dá errado, e quando tudo começa a caminhar, você recebe uma pancada muito grande, e aí realmente essa frase “tudo pra nós é mais difícil”, ela soa como uma verdade muito grande, ela soa como uma descrição geográfica das montanhas e das depressões, se imaginarmos topografias, imaginarmos solos, imaginarmos dimensões, todas essas erosões que as emoções nos causam. Então, nós temos nesse recordar um tanto de coisas que, realmente, olhando agora... Na época, eu já sentia que todas as pessoas eram muito fortes e corajosas, por lutar por seus sonhos, mas agora, 30 anos passados, eu enxergo o quanto gigantesca eram essas pessoas.

Lucas Toledo: Você poderia falar um pouco do seu início no universo do rap?

Criolo: Eu comecei ouvindo, né? Em 1987, eu ouvi uma letra (eu sempre conto essa história), e essa letra parecia que estava descrevendo toda a tensão que a nossa família vivia, seja de ver meu pai sofrendo por conta da exploração no trabalho... Parecia que estava descrevendo a violência a qual as favelas sofrem. Anos 90, né? 80, 90, isso escancarado de um modo muito brutal, e também o desejo de mudança e o sonho de se sentir forte. Um sonho de se sentir forte! Então, tudo começou assim, e eu também tive vontade de escrever *rap* e não parei mais.

Lucas Toledo: O racismo é uma chaga aberta e pulsante no seio da sociedade brasileira e um assunto discutido das mais diversas formas, em suas letras. Quando você se deu conta, pela primeira vez, da existência do preconceito racial? Quando você percebeu a necessidade de tratar disso em sua criação artística?

Criolo: Uma vez eu me acidentei dentro de casa. Uma coisa boba, mas que nos assustou muito, e meu pai chegou do trabalho, e do jeito que ele tava, ele me levou a um pronto-socorro. Alguém no pronto-socorro chamou a polícia, porque disse que um homem negro havia sequestrado uma criança, e essa criança havia se acidentado em cativado. Eu acho que isso pode dar um pouco de referência de como são as coisas, né? Nós tratamos disso todos os dias, a cada segundo da nossa vida, quando nós nos percebemos o ser lindo que somos. Quem não trata disso é a sociedade. A sociedade não vê a necessidade de tratar disso. A sociedade vira as costas. A sociedade quer que as pessoas morram, sobretudo os pretos e pobres estão no



primeiro lugar dessa lista. Aí depois eu fui perceber que existem outros primeiros lugares de uma lista medonha, fúnebre. A sociedade quer que toda a comunidade LGBTQIA+ também seja assassinada, e essa lista, infelizmente, continua. Daí a importância de nos fortalecermos, a importância de perceber o quanto a arte toca a nossa alma e nos apresenta o que temos de lindo... A arte realmente faz com que as nossas energias se renovem, faz com que a gente se movimente e se comunique. Querem assassinar a arte, porque a arte chega num lugar onde eles não chegam, no mais íntimo da alma do ser, no toque mais perfeito no coração e nas mentes humanas, e aí vem uma transformação extremamente necessária e urgente, pois a cada segundo alguém está sendo assassinado nesse país, por fazer parte do topo dessas listas fúnebres.

Lucas Toledo: Gostaria de tratar de um clipe produzido há bastante tempo, é o clipe da canção “Mariô”. Esse clipe é carregado de simbologias e é esteticamente muito bem trabalhado. Você poderia falar um pouco sobre a produção desse clipe e sobre a sua atuação nele?

Criolo: É um clipe muito especial para mim. É um clipe que tenho um carinho muito grande, pois nele se encontram uma série de mensagens, uma série de símbolos que apresentam a nossa sociedade toda uma beleza da natureza e toda uma beleza de espiritualidade que faz parte da nossa história, da nossa cultura e da nossa vida.

Lucas Toledo: Gostaria de tratar de um trabalho mais recente, a canção e o vídeo de “Boca de lobo”. Entendo essa canção e esse clipe como um manifesto sobre as mazelas do Brasil, mazelas históricas, que explodem em nossa contemporaneidade. A canção e o clipe foram lançados simultaneamente em um período muito específico (ascensão dos discursos de ódio, força das fake news, possibilidade real da eleição de um governo com características fascistas). Você poderia falar um pouco sobre a composição dessa canção e sobre a produção desse clipe?

Criolo: Essa canção “Boca de lobo”, ela faz um apelo à sociedade a mais uma vez, né? Mais uma vez o *rap* vem à sociedade e faz um apelo para que as pessoas repensem suas ações, repensem se esse modo de sociedade tão cruel e tão desigual é realmente o único caminho que

temos a seguir. O videoclipe, esse curta-metragem, ele faz uma linha do tempo dos últimos 5 anos, 6 anos, de tudo aquilo que a gente não quer mais que aconteça, pois essas desgraças sociais, elas são alimentadas por um modo de se pensar política que está totalmente tomado por algo muito cruel, e esse egoísmo, ele se desmembra em várias ações, em vários nomes, em várias situações que desaguam e levam mais tristeza ainda aos recantos mais pobres do Brasil. A corrupção tem apertado o gatilho e assassinado as pessoas sem dó e sem piedade. Esse clipe foi feito com a ajuda de mais de 300 pessoas que se dedicaram dia e noite pra que isso acontecesse, e eu tenho uma gratidão imensa a essas pessoas. Cada uma ali entendeu que era o momento de fortalecimento e cada uma dessas pessoas queriam dar sua contribuição de algum jeito para essa mensagem: “Chega! Nós não aguentamos mais esse massacre!”

Lucas Toledo: Percebo, em sua obra, um interessante processo de reelaboração e releitura dos seus próprios textos, que ganham novas significações e novas potências, na medida que vão se atualizando. Isso está nítido, por exemplo, no álbum “Ainda há tempo”, especificamente na versão de 2016, que repensa algumas questões presentes nas letras e na sonoridade do álbum de 2006. Além disso, é possível falar também da versão da canção “Não existe amor em SP,” reelaborada em um lindo trabalho ao lado de Milton Nascimento e Amaro Freitas. Como você observa esses processos de reelaboração? Você consegue pensar em outros sentidos e significados para a canção “Não existe amor em SP”, ao ouvi-la na voz de Milton Nascimento?

Criolo: Nós vamos aprendendo com o tempo. A vida vai nos ensinando. As pessoas que vão passando pela nossa vida vão nos ensinando, vão nos dando ensinamentos de extrema importância pra nossa alma, pra nossa consciência, que eu entendo que nós somos muito mais que essa matéria. Temos essa passagem, teremos outras passagens por aqui e em outros cantos, e essa bagagem fica pra sempre. Poder viver a importância de tentar, a cada dia, um pouquinho que seja, se melhorar, e isso também reverberar em seu trabalho, é uma coisa que... É uma oportunidade muito rara e que em poucos momentos se tem essa oportunidade. Então, isso é muito especial. Em relação a poder viver música ao lado de Milton Nascimento, eu me sinto um tanto não preparado pra falar, pois tudo que eu vier a falar vai diminuir a



importância do que isso é pra mim, pra minha vida, pra minha alma. Milton Nascimento cantar uma canção minha é uma sublimação de que toda a luta de favela, toda a luta de acreditar que a arte pode transformar e que pode te levar pra um lugar máximo, ela se materializou quando o Milton Nascimento cantou e gravou canções que saem do meu coração... Um garoto que nasceu no extremo sul da zona sul de São Paulo, num dos lugares com o Índice de Desenvolvimento Humano um dos menores do planeta, poder viver isso é realmente um milagre. Então, isso é muito magnífico, e esse trabalho, esse disco feito com Milton, com os arranjos de Arthur Verocai, magnífico, e Amaro Freitas, um jovem extremamente especial, e a direção de Daniel Ganjaman e todos os músicos que participaram desse disco e toda a equipe técnica também, que não trabalhou de modo técnico, trabalhou com o coração, a parte executiva também, todos entenderam que era um momento especial e esse momento especial realmente pra todos os envolvidos, foi algo de extrema importância. A canção, ela se renova a cada tempo e a cada época, em cada pessoa que canta essa canção, seja Milton Nascimento, essa nossa expressão maior de música, arte, cultura, resiliência, sobrevivência e resistência de cultura preta no Brasil, de cultura mundial, global, universal, a esse jovem, a esta jovem que está cantando essa canção agora em algum barzinho, pra levar o seu pão de cada dia pra casa, todas essas pessoas que estão neste caminho são importantes e ressignificam a canção e nos traz boa energia.

Lucas Toledo: Por fim, gostaria de fazer uma pergunta que dialoga diretamente com uma afirmação extremamente potente de uma de suas canções. Essa afirmação, inclusive, é título de um de seus álbuns. Diante do cenário atual, você acredita que “ainda há tempo”?

Criolo: Existe, sim, essa possibilidade. Ainda há tempo! Ainda há tempo pra sorrir, ainda há tempo para amar, ainda há tempo para tentar, esse tentar infinito de tudo aquilo que temos dentro de nós e que podemos melhorar e de tudo aquilo que já temos reforçado e que nos faz, em algum momento, nesse caos todo, sorrir, porque o sorriso ilumina quem tá próximo da gente. Então, a gente não pode desacreditar do ser humano em nenhum segundo, em nenhum momento, em nenhum momento nós podemos nos dar o luxo de cometer essa loucura de desacreditar da nossa espécie. Nós somos capazes de construir coisas lindíssimas. O que eu entendo é que é necessário que exista uma abertura e uma condição para que o nosso povo



apresente aquilo que tem de melhor, que é o seu amor, que são as suas ideias, os seus sentimentos. Nosso povo é lindo, nosso povo é mais que especial. Jamais vou desacreditar do nosso povo, sobretudo os jovens. Os jovens vão transformar tudo, por isso são tão perseguidos, tão caçados e assassinados, porque ninguém pode com a força da juventude.

Entrevista